

## **RANHURAS URBANAS: ARQUITETURAS E GESTOS COTIDIANOS NAS DISPUTAS DA CIDADE** **URBAN SCRATCHES: EVERYDAY ARCHITECTURES AND GESTURES IN DISPUTES IN THE CITY** MATHEUS TANAJURA, FLORA TAVARES

**Matheus Tanajura** é Arquiteto e mestrando em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É pesquisador do grupo de pesquisa Cidades Políticas e estuda cartografias das relações de poder nos processos de reestruturação do Centro Antigo de Salvador. matheusctanjura@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6054960551802634>

**Flora Tavares** é Arquiteta e integrante do Laboratório de Estudos da Imagem e Arquitetura do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Estuda a dimensão da visualidade e do olhar no enfrentamento de questões da cidade e da arquitetura. floramt@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3654197016800093>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

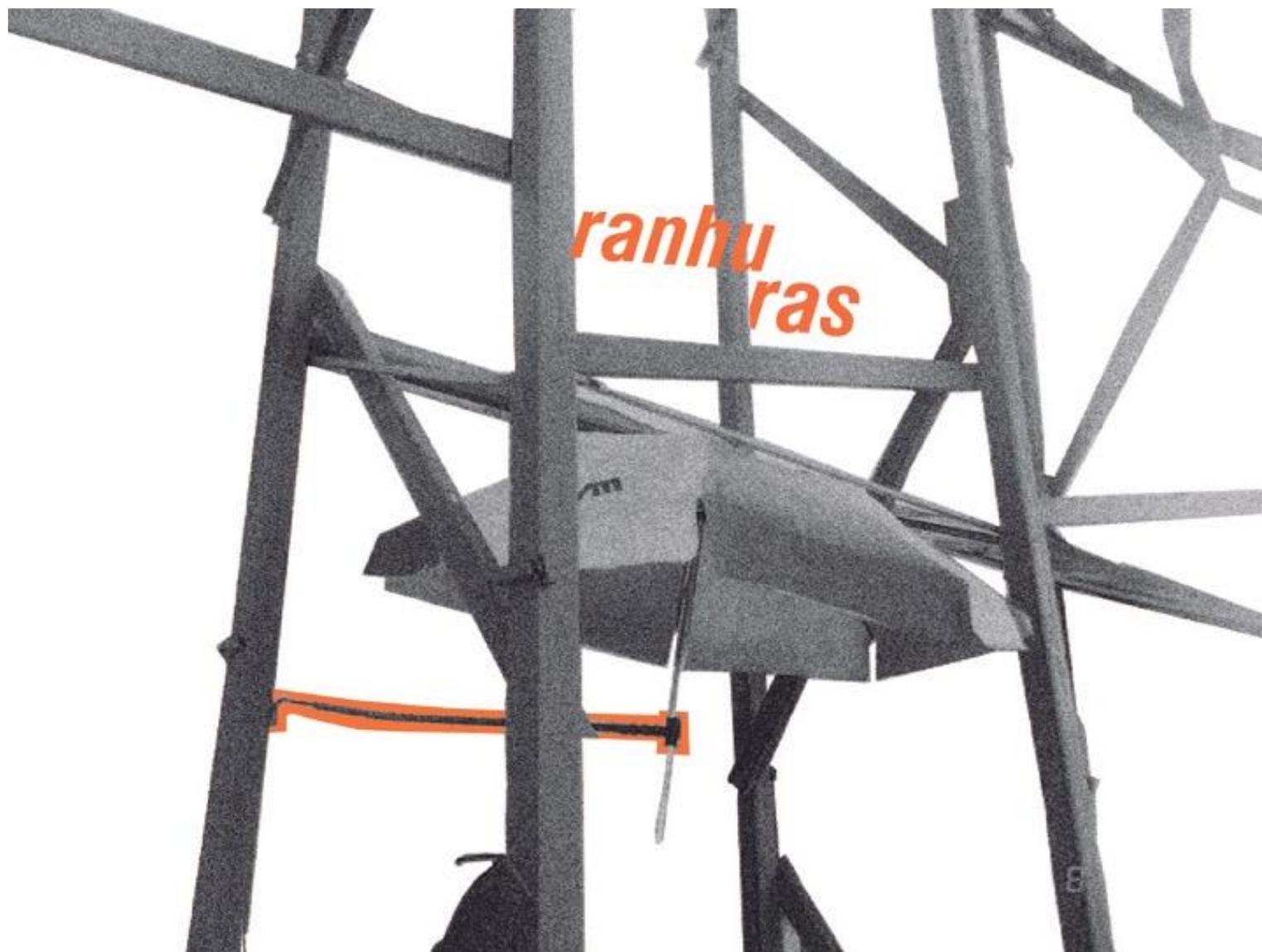
Como citar esse texto: TANAJURA, M.; TAVARES, F. M. Ranhuras urbanas: arquiteturas e gestos cotidianos nas disputas da cidade. **VIRUS**, n. 25, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v25/717/717pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

## Resumo

O presente trabalho caracteriza-se como um ensaio visual que articula fotografias, texto e colagens, a partir de um viés crítico, estético-político e coletivo, buscando expressar a complexidade dos modos de pensar e narrar a cidade e o Urbanismo. “Ranhuras urbanas” trata sobre a cidade em disputa, permeada de insurgências, táticas de criação e resistência. Sobre gestos de sujeitos e coletividades que (re)criam estruturas, sugerindo outras espacialidades possíveis no cotidiano. Através de andanças pela cidade, registros fotográficos de celular foram sendo colecionados, criando um acervo de “armengues urbanos” que visibilizam modos subversivos de apropriação do espaço. A partir dessa coleção, a elaboração de colagens foi mobilizada como recurso criativo, mas sobretudo, como ferramenta provocadora de reflexões acerca dos modos contra-hegemônicos de produção de cidade. “Ranhuras” se alinha à ideia da produção de ciência no cotidiano, com uma abertura metodológica para elaborações criativas que nos provocam a (re)imaginar cidades.

**Palavras-Chave:** Arquiteturas, Gestos cotidianos, Cidade





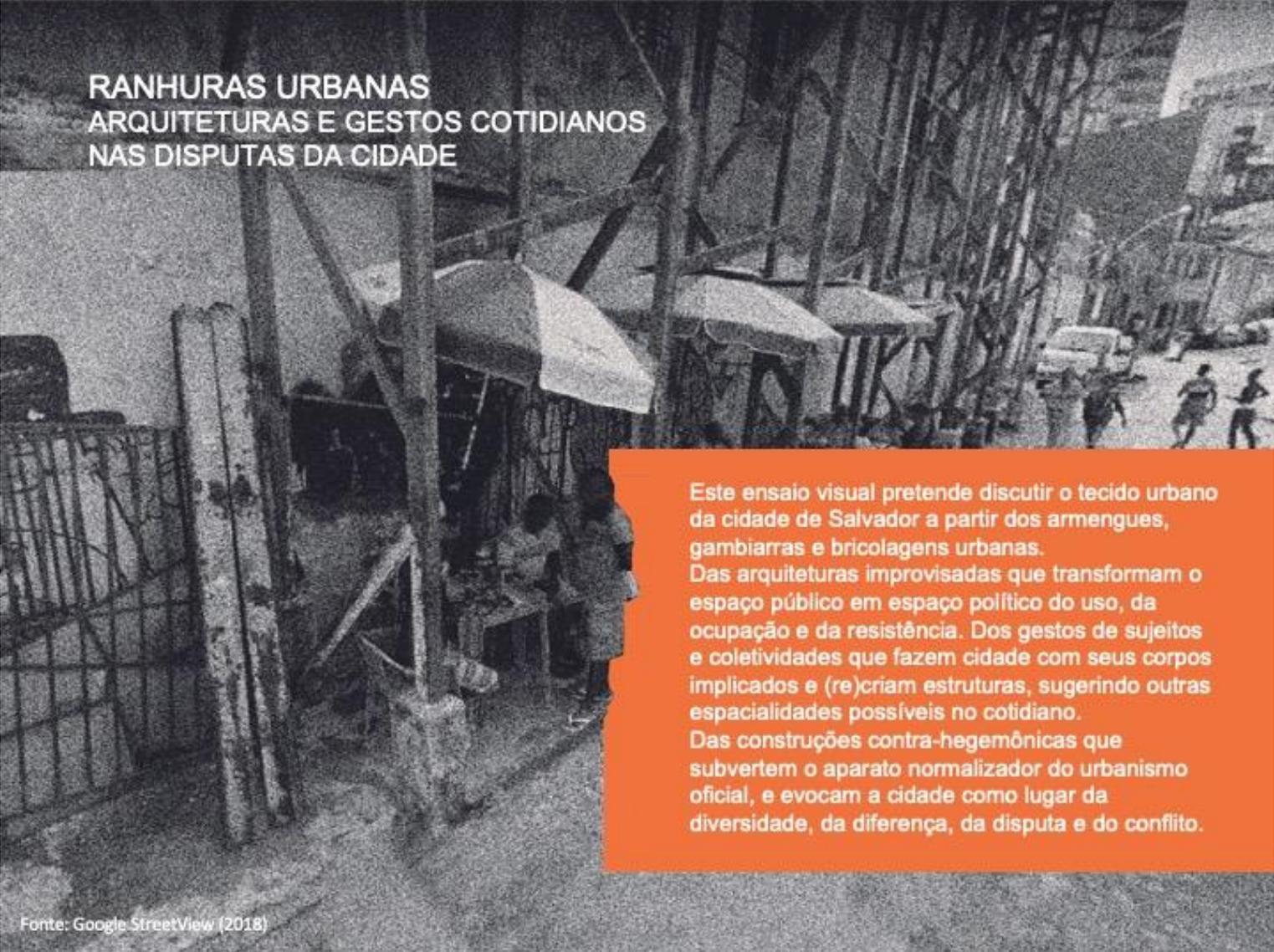


## RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se como um ensaio visual que articula fotografias, texto e colagens, a partir de um viés crítico, estético-político e coletivo, buscando expressar a complexidade dos modos de pensar e narrar a cidade e o Urbanismo. "Ranhuras urbanas" trata sobre a cidade em disputa, permeada de insurgências, táticas de criação e resistência. Sobre gestos de sujeitos e coletividades que (re)criam estruturas, sugerindo outras espacialidades possíveis no cotidiano.

Através de andanças pela cidade, registros fotográficos de celular foram sendo colecionados, criando um acervo de "armengues urbanos" que visibilizam modos subversivos de apropriação do espaço. A partir dessa coleção, a elaboração de colagens foi mobilizada como recurso criativo, mas sobretudo, como ferramenta provocadora de reflexões acerca dos modos contra-hegemônicos de produção de cidade. "Ranhuras" se alinha à ideia da produção de ciência no cotidiano, com uma abertura metodológica para elaborações criativas que nos provocam a (re)imaginar cidades.





**RANHURAS URBANAS  
ARQUITETURAS E GESTOS COTIDIANOS  
NAS DISPUTAS DA CIDADE**

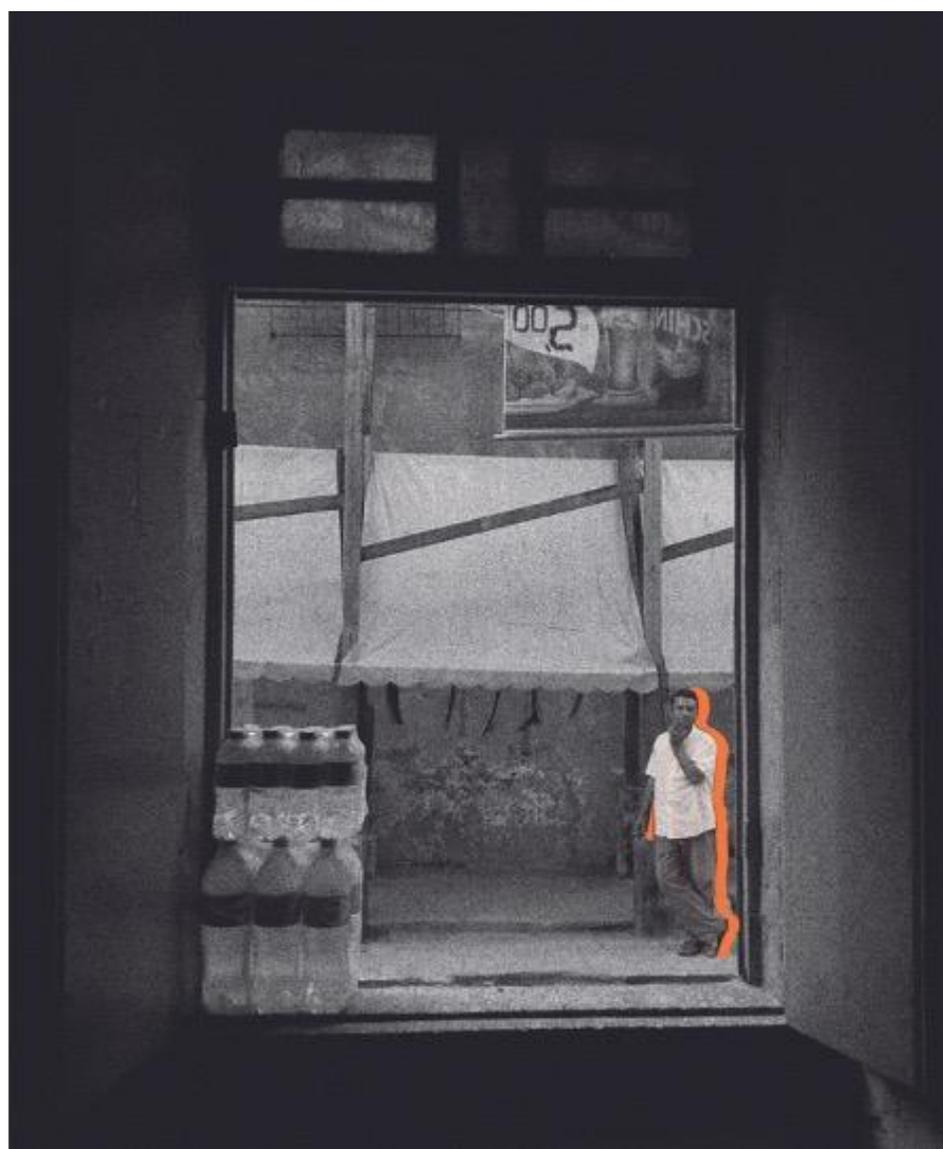
Este ensaio visual pretende discutir o tecido urbano da cidade de Salvador a partir dos armengues, gambiarras e bricolagens urbanas. Das arquiteturas improvisadas que transformam o espaço público em espaço político do uso, da ocupação e da resistência. Dos gestos de sujeitos e coletividades que fazem cidade com seus corpos implicados e (re)criam estruturas, sugerindo outras espacialidades possíveis no cotidiano. Das construções contra-hegemônicas que subvertem o aparato normalizador do urbanismo oficial, e evocam a cidade como lugar da diversidade, da diferença, da disputa e do conflito.

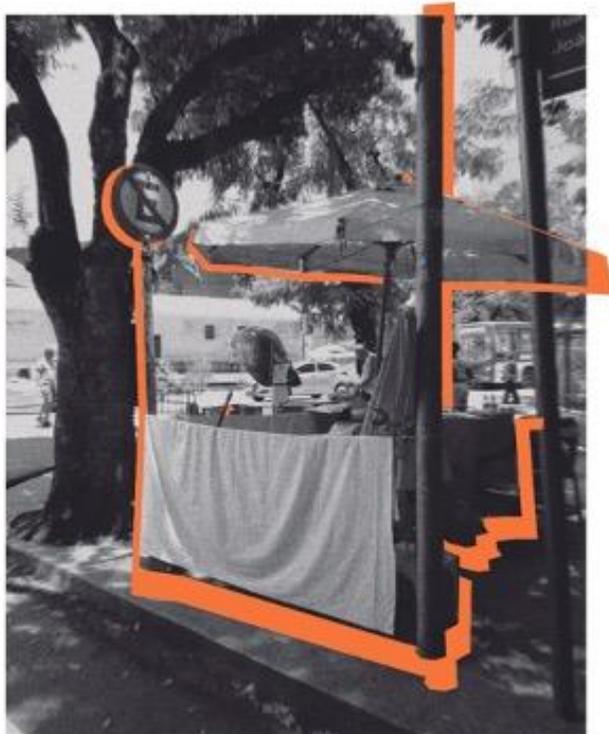
Fonte: Google StreetView (2018)



A vida urbana acontece por meio das diversas atuações de sujeitos que, articulados em um tecido social onde distintas forças atuam, fazem espaços através de encontros e desencontros, negociações e dissensos, ordenamentos e desobediências. Cotidianamente, a cidade vai sendo costurada por diversos fazeres, saberes e poderes, revelando-se como lugar de heterogeneidades.

O espaço, como resultado de uma intrínseca relação entre um sistema de ações e um sistema de objetos, efetiva-se não apenas por meio de vínculos materiais, mas também imateriais, simbólicos, subjetivos (SANTOS, 1994).





O que aqui nomeamos RANHURAS URBANAS pode ser compreendido como táticas de criação e resistência na cidade, realizadas por meio de uma forma de apropriação do urbano que incorpora os elementos dessa cidade como parte do seu modo de existir. Estes gestos, por mais efêmeros que sejam, criam rugosidades (RIBEIRO, 2012) nos espaços lisos, ordenados e normatizados pelos saberes técnico-científicos que planejam a cidade, provocando desvios, brechas e fissuras na estética do 'formal', do 'limpo', do 'higienizado'. Tais proposições, portanto, acabam por denunciar a forma excludente como as cidades são produzidas, expondo a responsabilidade do Estado no processo de vulnerabilização e precarização da vida de grupos sociais atravessados pela interseccionalidade de marcadores sociais, de classe, de raça/etnia, de gênero, dentre outros.

Metodologicamente, o trabalho abrangeu distintas formas e técnicas de produção dos materiais, em dois momentos. Primeiramente, as andanças, uma espécie de deriva urbana, caminhadas guiadas pelos vestígios e rastros deixados pelas arquiteturas decorrentes de gestos cotidianos. Por meio da tomada de imagens realizadas por celular, foi criada uma coleção de fragmentos visuais. Nesta etapa se buscou, pela aproximação e registro de modos subversivos de apropriação do espaço, documentar práticas e estruturas que são alvo das ações de agentes do Estado vinculados ao ordenamento urbano ou de segurança pública.



No segundo momento, foram realizadas colagens, a partir da junção e/ou sobreposição dos elementos visuais coletados, com o intuito de criar narrativas gráficas que, através de um viés crítico, estético-político e coletivo, buscassem expressar a complexidade dos modos de pensar, discutir e narrar a cidade e o Urbanismo. A colagem, além de ser utilizada como suporte para narração, é acionada aqui também como ferramenta provocadora de reflexões acerca dos modos contra-hegemônicos de produção de cidade.



Mais do que uma técnica artística, a colagem é aqui mobilizada como uma orientação estética e um lugar de construção de conhecimento. Frequentemente nos deparamos com o desafio de fabular visualmente a(s) cidade(s). E as cidades, por nós aqui entendidas, são lugares plurais, heterogêneos, com uma vida urbana diversa, na qual interagem múltiplas identidades e culturas. Há uma sobreposição de tempos, de práticas de espaço e de disputas. Cidades são ruidosas, fragmentadas, descontínuas. Como as colagens podem ser. Para dar conta de abarcar a complexidade dos territórios, optamos por não recorrer a uma imagem única, mas sim, buscamos compor um mosaico de visualidades, cenas, texturas.



A descontinuidade da colagem também se relaciona com a constituição das memórias, que, por sua vez, se (des)organizam a partir de fragmentos, nunca estando completamente puras ou límpidas. O filósofo camaronês Achille Mbembe (2019) argumenta como esta fragmentação é uma consequência da própria experiência de colonização dos nossos povos, fazendo com que tivessem suas memórias violadas, impossíveis de serem reconstituídas em sua unidade original (ALVES CORDEIRO et al., 2021).

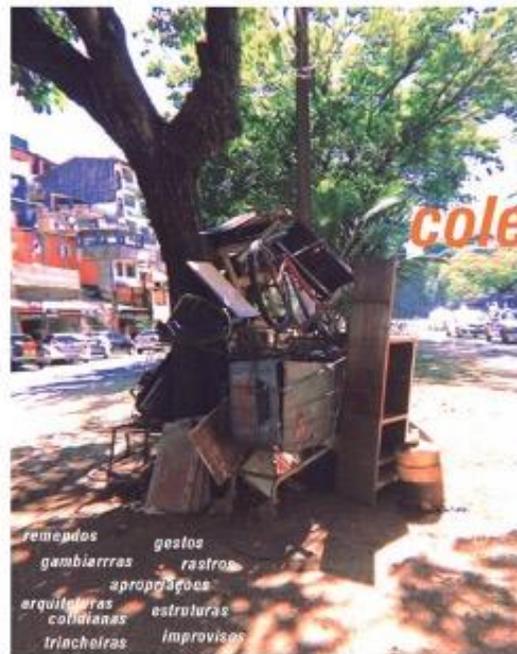
Além de ser uma ferramenta usada para retratar o que já existe, sendo agenciada para contemplar a diversidade urbana, a colagem também é um recurso criativo para fabular novas realidades. Usada para recontar a história, a colagem pode (re)criar e subverter arquivos. Assim, convocamos a (re)pensar e (re)imaginar cidades, através de fabulações (im)possíveis.

Nesse caminho, em contraposição à ordem ocidental cartesiana, “esculhambando” a realidade, nos termos de Luiz Rufino (2019), fazer uma colagem abre possibilidades para experimentar a criação de algo, sem saber aprioristicamente aonde se vai chegar.



Constatamos como o desenvolvimento da colagem abre possibilidades para uma experimentação metodológica flexível. O processo vai revelando seu próprio final, que é muitas vezes incerto, pela constante sensação de inacabamento da obra; sem planejamento ou rigidez, algo de intuitivo e de íntimo conduz a junção de fragmentos e a composição de camadas da imagem que vai sendo criada. Mais uma vez, recusa-se a ideia de que existe um procedimento correto a seguir.

Nesse sentido, nos alinhamos a propostas que, por meio de "uma política transgressora fundada no envolvimento" (ROY, ROLNIK, 2017, p. 18) e da ideia de "implicação como competência epistemológica e qualidade investigativa" (MACEDO; MACEDO DE SÁ, 2018, p. 332), buscam outras formas de produção científica. Uma produção que se abre e se atravessa por elaborações criativas, estratégias e tecnologias sociais advindas das pessoas que, histórica e cotidianamente, transformam, refazem e recriam o espaço urbano, reivindicando cidades mais igualitárias. Experimentações metodológicas que buscam articular teoria e empiria, enxergando a produção de ciência no cotidiano, propiciam tais iniciativas. Assim, a "pesquisa implicada não é apenas uma opção teórico-metodológica, mas também um fundamento ético e político" (ALVES CORDEIRO et al., 2021, p. 6).



## coleção de rastros

/// junção de fragmentos que  
mostram o universo do trabalho

Indomável  
simbiose



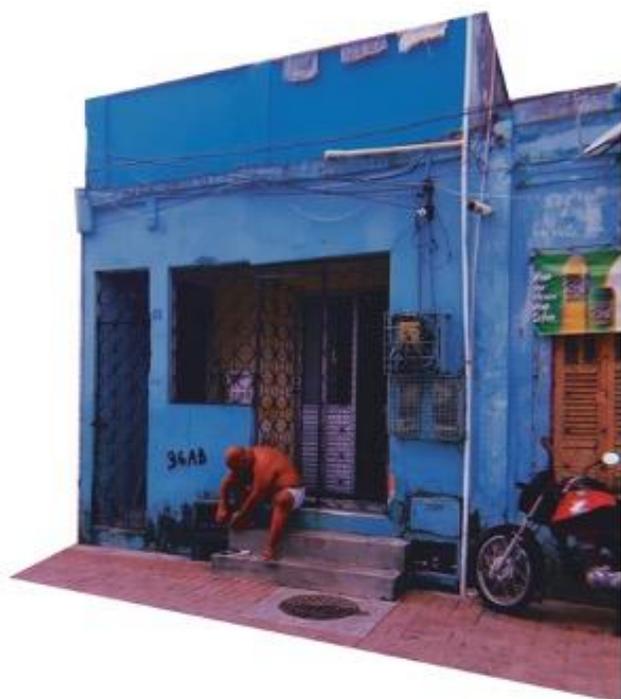


emaranhado



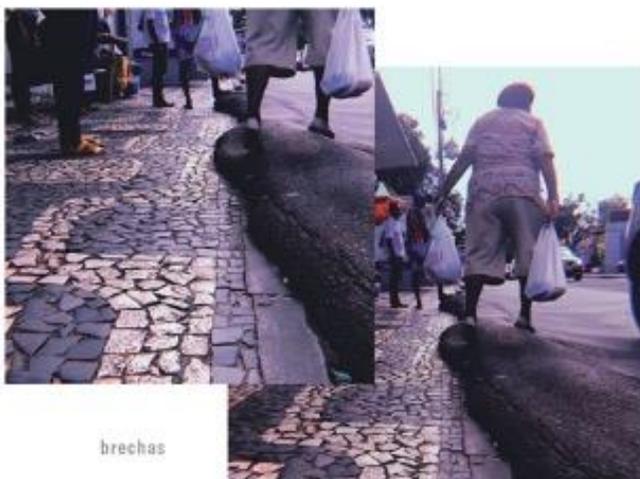


amarração



cidade-casa  
casa-cidade





brechas

bordas



## Referências

ALVES CORDEIRO, V.; BATISTOTI, A. F.; RODRIGUES, Z. P.; FERREIRA, M.S.M.; SILVA, A. da S. M. Como produzir conhecimento nos encontros entre mulheres? Reflexões sobre experiências teórico-metodológicas com e desde as margens da cidade. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. Dossiê Território, Gênero e Interseccionalidades. v. 23, E202130, 2021.

MACEDO, R. S.; MACEDO DE SÁ, S. M. **A etnografia crítica como aprendizagem e criação de saberes e a etnopesquisa implicada**: entretecimentos. Currículo sem Fronteiras, online, v. 18, n. 1, p. 324-336, jan.-abr., 2018.

MBEMBE, A. **Poder brutal, resistência visceral**. Série Pandemia. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

RIBEIRO, A. C. T. **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades**. Salvador, Revista Redobra, 2012.

ROY, A; ROLNIK, R. **Metodologias de pesquisa-ação para promover a justiça habitacional**. In: Cartografias da produção, transitoriedade e despossessão dos territórios populares. Observatório de remoções. Câmara Brasileira do Livro, São Paulo. p. 17-29; Relatório bianual 2019-2020.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**: Exu como Educação. Revista Exitus, Santarém/Pa, v. 9, n. 4, p. 262 – 289, out.-dez., 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

A AUTORIA DE TODAS AS IMAGENS É DOS AUTORES DO ENSAIO, 2019, SALVO MENÇÃO.